

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
30 DE JANEIRO
ANNO 1. N. 27.

PROPRIETARIOS : ZACARIAS SALCEDO & H. J. ESTRELLA

REDACTORES : DIVERSOS

Preços : por trimestre 25.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1871

AMERICA

Antes de hontem cedo, entrou o paquete *Gerente* com procedencia do Rio de Janeiro. Foi portador de datas d'ali até 22 e da Europa até 5 do corrente.

As noticias da côrte, além da nomeação do Exm. Sr. brigadeiro Salustiano Jeronymo dos Reis, commandante desta guarnição e fronteira, para general das armas na provincia da Bahia, são sem interesse.

As da Europa são de não pequena importancia, e dellas damos o seguinte resumo :

ESPAHHA

— O general Prim, presidente do conselho de ministros em Hespanha, foi sacrificado barbaramente em as ruas de Madrid, nas primeiras horas da noite de 27 do p. passado. O general Prim, o soldado famoso, o heróe da campanha de Marrocos, o iniciador da liberdade hespanhola, e que tão mal a comprehendeu ultimamente, recebeu 12 tiros ! e entre crusciantes dores entregou sua alma á Deos na noite de 30. A historia far-lhe-ha a merecida justiça, e seu nome pertencerá á immortalidade da gloria conquistada mil vezes nos campos de batalha, cuja recordação viverá eternamente no coração do grande povo hespanhol.

— Pela assembléa nacional, Prim, foi declarado benemerito da patria. Os republicanos protestaram contra o assasínio.

— A D. Francisca Aguiar, viuva do general Prim, concederam-se-lhe as honras de capitão general do exercito, e o título de duquesa de Prim, com grandessa, transmissivel para sua filha Izabel e descendentes legítimos desta.

— Topete foi encarregado do ministerio dos estrangeiros.

— O rei Amadeu, chegou á Madrid no dia 2, e depois de prestar juramento foi á Basílica de Atocha, onde estava o corpo de Prim.

— O rei foi recebido em Carthagena, por Topete.

— Oito batalhões da guarda nacio-

nal em Madrid, que recusaram-se á receber o rei, foram dissolvidos.

— Os monarchas europeus hão enviado sentimentos pela morte de Prim.

FRANÇA

A sorte das armas continúa ainda indecisa. Os telegrammas são contradictorios : apezar disto parece que a sorte pendu ultimamente para o lado da França.

Vejam os acontecimentos.

— Os allemães foram desalojados do Valle do Marne, do Bouget, de Neuilly, Villi Evard e dos bosques de Blondy.

— Em Cologne, Coublentz e Mayence descobrir-se uma conspiração entre os prisioneiros francezes. Foram 50,000 que resolveram revoltar-se e cortar o caminho de França.

— Os allemães evacuaram Dijon, bem como o exercito que se achava em Versailles, evacuou este acampamento. Com o rei Guilherme, Bismark e Moltke, ficaram 1,500 homens.

— O forte de Avron, foi evaquado pelos francezes, que levaram toda a artilharia.

— A França offereceu á Garibaldi uma espada de honra.

— O odio na França contra os allemães, cresce de dia em dia.

— Seis navios inglezes, foram mettidos a pique pelos prussianos.

— O bombardeamento de Pariz, é um facto. Algumas bombas tem sido arremessadas á grande cidade.

— Ha na Prussia 303.842 prisioneiros francezes, bem como 10,067 officaes.

— No exercito prussiano reina não pequena insubordinação.

— Os preços dos generos em Pariz elevaram-se, a vida tornava-se difficulosa ; porém existia completo sociego e fremente raiva contra os invasores.

ALLEMANIA

Ha falta de animação e completo desego pela terminação da guerra.

— O título de imperio Germanico foi recebido com frieza.

— Abrirem-se as camaras prussianas.

— O duque de Brunscoreck, abdicou a corôa ao rei Guilherme.

OUTROS ESTADOS

A Baviera predispo-se a abolir os tratados com a Prussia.

— Na Saxonia e na Austria tem havido grandes manifestações contra a Prussia.

— A Inglaterra interveiu no sentido de puz na questão do Oriente, e tanto a Russia como a Porta preparam-se para aceitar os conselhos daquela prudente nação.

— Em 3 de Fevereiro abre-se as cortes em Portugal.

LITTERATURA

Fatalidade.

I

Eu sou cadaver, sou ! olha-me e julga.
(JUNCO FREIRE.)

Meu Deos, que destino cruel presidia a hora fatal que viu-me nascer ?

Minhas noites são cheias de agonias e minhas fontes estalam sob a pressão de um delirio infernal que me alucina.

As idéas emaranham-me no cerebro semelhantes á nuvem de pó espancada pelas ventanias.

As fibras arrebetam-se-me no peito e o coração lateja precipite como as velozes gottas da tempestade, que rapidas e confusas succedem-se, perturbando a placidez que reina a tona de uma lagôa extensa e azulada.

Embalde encosto á almofada a fronte que requieima o descanso me não vem e sempre a insomnia á perseguir-me.

No momento em que cansados os meus olhos chegam á cerrar-se, a imaginação continúa a debater se em horriveis labutações, e os sonhos os mais hediondos vem sentar-se á cabeceira de meu leito.

Ora vejo phantasmas pallidos e sombrios surgirem da terra que se escancava em abysmo, ora um turbilhão revoltado de duendes acerca-se de meu corpo, escarnecendo minhas dores n'um gargalhar feroz que me estremece.

Acordo-me; e por um effeito de acustica debilitada, sinto ferir-me os tympanos cansados uma especie de orchestra funeral, rouca e discordante, parecida com o ribombo do trovão que cerceia os ares e vai bater-se de encontro à frente de uma montanha que, no seu seio convulso e esbraseado pelos combustivos volcanizados, repercutiu o estridulo medonho...

E eu vivo!

E desfallecidas as forças e exauridas as crenças, me parecem candidas garças que se perdem no longinquo do horizonte.

No meio d'esse tópel infinito de martyrios, emmagrecem-se-me as faces, as palpebras arrouxam-se e os sonhos queridos do passado eu traduzo-os — mentira!

Entanto eu, apenas, tenho passado os primeiros annos da vida, quicá fossem elles os ultimos, meu Deus!

A hora da morte soar-me-hia tão doce e alegre, como uma aurora esplendida de Abril á dous entes que se aclarão e esperam no porvir, para mim — crença absurda, genio hypocrita e fallaz!

E que poderei eu esperar d'este mundo, em cujo lodacal eu vi cabir uma por uma as flores que adornavam a grinalda de minhas esperanças?

Sempre á braços com o martyrio, resta-me caminhar incessante até que falseie á borda da sepultura para tomar no regaço da eternidade...

Então, serei feliz!

Lá eu encontrarei o socego que imploro cada dia, como unico balsamo que possa sanar a chaga que me devora e me consome.

Lá eu poderei beijar a frente de minha mãe, e quem sabe, gosar os sorrisos do anjo, por quem tenho esgotado a taça das agonias.

II

Eu tambem antevi doirados dias
Nesse dia fatal.

(J. FERREIRA)

Era o dia de finados.

Os bronzes gemiam sons plangentes e repassados de dôr.

Todos revestidos de humilhação e de lucto, corriam aos templos para orar á Deos por um pai, por um irmão ou por um amigo, entoando a nenia saudosa do passado no de *profundis* universal.

Eu tambem em passos lentos seguia a turba para, prostrado ante o lenho sagrado, pedir ao Christo por minha pobre mãe.

La entregar-lhe a offerta de bom filho, o fructo dos carinhos, as lagrimas da saudade.

Apcz, dirigi-me ao azylo dos sepulchros para prostrar-me sobre o tumulo sem pedra, porém magestoso daquella que me dêra a existencia.

Embebi-me na contemplação dos quadros do passado, recordei-me de suas caricias e do osculo sagrado com que todas as noites e manhãs abençoava o filho querido de suas entranhas.

Lembrei-me tambem da oração de graças que ella de olhos erguidos para o céo, fazia-me repetir todas as tardes a hora de — Ave-Maria.

E eu disse: Deos, dai-lhe todas as venturas de além tumulo e para mim todos os castigos que, por ventura, ella possa merecer...

— Ella que era uma santa!

E orei; as horas passaram e vagarosamente a multidão escoava-se do cemiterio que repercutia os dobros dos bronzes funerarios.

Logo cessou o ruido dos visitantes do templo da morte e eu ergui-me.

Ergui-me e a dôr saltava em prantos dos olhos porque a lagrima é a consolação triste que brota da prece...

Ao pé do tumulo de minha mãe, estava um outro, que como elle, era grandioso por sua propria simplicidade.

Seu ornato, tambem era uma cruz e algumas flores.

Ali alguem resava por ente doloridos soluços, e esquecidos do mundo, entregavam-se ao mysticismo pungente dos sepulchros.

Eram tres pessoas: um velho, uma moça de quinze annos e uma criança — um pai e duas filhas.

O velho estava estatico e immovel como a estatua do martyrio, a criança ora ria-se, ora chorava.

A moça, porém de joelhos sobre a terra e com a face humedecida pelo pranto, deixava evaporar-se de seus labios tremulos uma prece que, sahida do intimo do coração da virgem, subia direito ao throno de Jesus.

Elia tambem relebrava as historias da infancia por entre o sublime das orações.

Chorava por uma mãe!

(Continúa.)

POESIAS

N'um album.

Não peças á lyra do bardo tristonho
De eterna harmonia, um canto de amor;
Não venhas ao cristo, em que a lyra solça,
Exangues gemidos soltanto do dôr!

Talvez que outr'ora na luz d'alvorada
Dos annos floridos de vivo esplendor;
Na lyra vibrasse, da doce esperança
Os hymnos de affectos, cantatas de amor:

Mas ah! que do fado a mão tão pesada
Pousando na lyra, as cordas quebraram;
Morreram-me as crenças d'um sonho de risos,
De meus bellos dias, as flores murcharam!

Só resta uma corda, que é frouxa, não vibra
Se não da saudade seus carmes de dôr;
Que geme e soluça qual lagubre pio,
De um ave nocturna, que infunde pavor.

Não peças amigo, não peças á lyra
De um bardo mequinhão que vaga sem lar,
Um cantico lido, que a mente extasia;
Não peças, não queiras, meu triste trovão.

Janeyro-1871.

José P. Ribeiro.

Flores murchas.

(No album de minha irmã M. V. de Paula Reis)

Oui, sans doute, toute mourir; ce monde
est un grande rêve !...
(A. DE MUSSET.)

A vida é bella, feliceiro sonho,
Quando risinho se nos mostra o céo,
Quando nos'alma d'illusões vestida
Grê-se envolvida n'um dourado véo.

A vida é bella na estação das flores,
Quando fulgores a natureza ostenta;
Quando dos anjos a fábri torrense
Lança-se a mente de gosar sedenta.

Os nossos dias são gentis, floridos.

Quando, enroscados em profundas sciãmas,
Bem perto vemos um porvir nítido,
Vendo o presente por brilhantes prismas.

Mas bem depressa des'parece o sonho...
Tudo medonho se nos mostra então.
O vento agreste, vomitando horrores,
Vem nossas flores derribar no chão.

Q'errila tudo no soprar sem termo,
Transforma em ermo tão gentis oasis,
E a alma oppressa, de uma sorte infauista
Não pôde, exhausta, supportar as phases.

E então, tristonha, no lutar vencido,
Tendo da vida contemplado a estampa,
Busca um abrijo na morada elherica...
Deixa a matéria se abrigar na cama.

E assim se extingue nossa vida ardente,
Tão tristemente como a flor que cahiu...
Depois... só cinzas de um viver fogoso
Que o vento iroso resolvendo vai!

Valdades, pompas nas gentis roupagens
— Tristes miragens que até fazem dôr —
Brasões, riquezas... tudo irá um dia
Na campã friareduzir-se a pó!

Tudo succube n'esta vida errante,
Nada é constante, nada firme é!
Só é duravel um vigor activo,
Um letitivo que se chama fé!

Por isso, est'alma d'illusões despida,
Despreza a vida e os fulgores seus:
Mas toda envolta n'uma prece ardente,
Adora o ente que se chama — Deus! —

Já que meus versos sem vigor, sem plectro,
Sem arte ou metro me pedir quizesse,
Perdido! se venho, repassado em dôres,
Co'as tuas flores misturar cypreste!

Porto Alegre, 7 de Dezembro de 1870.

João Damasceno Vieira Fernandes.

— Sim.

— E para disparar? A sorte ou á um mesmo tempo?

— Como melhor vos pareça, replicou Laforest, dominado a seu pesar por aquelle homem.

O beneditino não respondeu: tirou do seio um pequeno frasco de marfim, cuja embocadura era de prata, onde estava graduado, por meio de um mecanismo, a quantidade de pólvora que necessitava cada tiro.

— Podeis carregar, disse, entregando-lhe o frasco.

Laforest carregou e em seguida o entregou ao religioso.

Este praticou a mesma operação com o esmero de um intelligente consummado.

Depois, o padre Roberto tirou uma caixinha, d'onde haviam balas de todos os tamanhos. Tomou duas iguaes, collocou-as na palma da mão, e apresentou-as ao capitão francez.

As balas foram collocadas nos canhões e em seguida escorvaram com toda a escrupulosidade.

Preparadas as armas, o religioso, disse:

— Só falta uma cousa, cavalheiro.

— Qual? contestou Laforest.

— A' quantos passos se ha-de fazer fogo.

— A vinte.

— Advirto-vos que estas pistolas alcançam a cem passos.

— Me propões acaso essa distancia? exclamou Laforest assombrado.

— Nada disso, aceto os vinte; e se quereis á dez: vos proponho unicamente.

O capitão experimentou um novo assombro, ainda que de distincto genero.

Emquanto ao general e Genaro, ouviam com profunda indifferença este dialogo.

Contaram os passos e apontaram-se os sitios que haviam de occupar os combatentes. Em seguida cada padrinho entregou á seu afilhado as pistolas que antes se carregaram, e estes se dirigiram a seus postos com não fingida serenidade.

O padre Roberto olhou á Genaro de um modo tão eloquente e sublime como se reconcentrasse neste olhar toda sua energia.

O joven respondeu sorrindo-se.

— Quereis que se dispare á sorte? perguntou Laforest, puxando um napoleão de ouro.

— Seja assim, respondeu o beneditino, fazendo brilhar entre seus dedos uma larga onça hespanhola. Esta moeda é mais a proposito cavalheiro. Podeis atirar com ella.

— Cedo-vos este direito.

— N'este caso, se sabe cara, toca primeiro atirar ao meu afilhado; se cruz ao general.

E arrojou a moeda ao alto.

A onça tornou a cair ao chão, e apresentou o escudo com as armas de Hespanha.

— Ao general lhe corresponde, contestou o padre Roberto, sem desmentir sua rara serenidade.

Em effeito, collocados os combatentes em seus sitios, occupados pelos padrinhos os lugares competentes, reinou um profundo silencio.

Maurice Mathieu engatillou a pistola, estendeu o braço, e apontou com aprumo e segurança á cabeça de Genaro.

Este permaneceu sereno e glacial, como se não estivesse a dous passos da morte.

Poucos minutos depois resou a explosão: Genaro permaneceu firme e sereno, e o padre Roberto correu para elle.

— Não tenhaes cuidado, meu pai, lhe disse o joven com voz baixa. A bala passou á um dedo de minha cabeça; porém não me tocou.

O general francez mordeu os labios, porém disse com voz clara:

— A' vós, toca-vos cavalheiro.

Genaro engatillou silenciosamente sua pistola, estendeu o braço e apontou com indifferença. Então, por vez primeira, pôz-se pallido seu protector.

O general ficou immovel.

— Não quero matar-vos, disse o joven baixando a pistola. Póde seguri duello com espada.

— Isso é diser, que quereis apparecer generoso? gritou Maurice Mathieu cheio de coragem. Cavalheiro, exijo de vós que preenchaes vosso dever. Vosso perdão é para mim um despreso.

— Adverti que eu não vos provoqui: cumpro com os meus sentimentos e com minha consciencia.

O general estava livido.

— Oh! não; atirae... mata-o-me! E' preciso que um dos dois fique no campo.

— Atirarei por comprazer-vos, não para matar-vos.

— Que dizes? exclamou o general assombrado.

— Farei que minha bala se rompa em essa condecoração que adorna vosso peito.

Maurice Mathieu tornou-se livido; porém ao mesmo tempo a explosão da pistola de Genaro lhe fez comprehender que seu inimigo não havia exagerado em sua promessa.

A condecoração cahio ao chão feita pedacços, e a bala que devia havel-o morto, só internou o sufficiente para que o general cabisse ferido ao chão.

— Isto é admiravel! exclamou o general, sem ligar importancia ao sangue que corria de seu peito.

— Portentoso! augmentou Laforest, levantando ao seu chefe. Porém não perdamos tempo: joven, vossa generosidade nos interessa. Fugid. Nossos cavallos, nossa fortuna, tudo vo-lo offerecemos para que vos livres de um conselho de guerra.

— Obrigado respondeu nobremente o padre Roberto; temos tomado nossas medidas para evitar a perseguição. Ah! tens nossa carruagem para o general.

— E avisinhando-se á Genaro o abraçou.

— Agora, meu filho, chegou o instante de separar-nos. Esperança e valor. Te portaste como todo bom hespanhol deve portar-se. Generoso e magnânimo. Agora mais que nunca não esqueças minhas instrucções. Dia brilhará em q' volta a calma nos nossos corações. Entretanto, corramos em meio do torvellino que nos arrasta. Adeos!... Os momentos são preciosos, e não devemos roubar á causas mais sagradas o tempo que não nos pertence.... Adeos!...

O nobre ancão apontou ao joven a porta de S. Vicente, que apenas se descobria ao outro lado do Manzanares.

— Necessitamos vossa carruagem, disse Laforest: porém aqui tens um cavallo: confiae em nossa reserva: ella vos salvará.

Genaro saltou sobre um cavallo, e fassendo um signal com a mão ao seu protector, partiu á escape.

Entretanto, o general foi collocado na carruagem do padre Roberto, e se dirigio lentamente a Madrid.

CAPITULO XVII

O protector.

Emquanto que Genaro se affastava á redea solta pelo caminho de França, o padre Roberto deixou em sua casa ao general Mauricio Mathieu e dirigio-se á sua escondida morada em a praça dos Afflicto.

Ali soube por um criado a marcha de seu educando, e devolveu ao capitão Laforest o cavallo que tão generosamente lhe offerecera após o desafio.

Cumpridos com escrupulosa exactidão todos estes pormenores, o padre Roberto pensou em outras cousas de summa importancia.

O primeiro que acudio á sua imaginação, foi o encargo que recebera de Genaro. Por tanto pensar em Mathilde, era pensar em uma victima que necessitava naquello momento de um sustentáculo que a defendesse, de um escudo que a amparasse: era comprehendecer a uma desditosa, proxima a cahir em um laço infame e horrivel.

O padre Roberto, ou o conde de Malvar, pois tudo era o mesmo, sentiu uma attracção irresistivel para aquella infortunada. Nossos leitores terão comprehendido alguma cousa do caracter deste homem extraordinario: pois nós, longe de havel-o apresentado segundo nossa curta intelligencia, temos querido melhor que os accidentes da acção que vamos recorrendo, o bosquejem tal qual é.

Tomado uma vez sua determinação, tornou a pedir sua carruagem, e sem tardar o severo e escuro trujo que o cobria e que mais renhe dava á nobre magestade de sua phisionomia, dirigiu-se para o antigo palacio de Alencades, com aquella calma de pedra que servia de mascara ao seu semblante, quando não queria que ninguém lê-se os pensamentos que nasciam de sua alma.

Chegou, pois, ao termo de sua expedição, e os officiosos lacayos o precederam até a mesa principal, onde o mordomo da casa o deteve.

— Desejo vêr, disse o conde de Malvar, á condessa Mathilde, e espero que tereis a bondade de lhe annunciareis minha visita.

O mordomo, saudou e marchou á desempenhar sua missão. Pouco tempo depois, voltou, dizendo que a joven estava indisposta e que sentia não poder recebel-o.

Em vez de saudar e retirar-se, o conde tirou sua caixa de ouro, absorveu o rapé com cuidadosa escrupulosidade, e disse.

— A joven não me conhece, e não tem vontade de receber á desconhecidos, se lhe dicesseis que sou um intimo amigo do cavalheiro Genaro de Santa Maria...

Este nome produziu seu effeito, e o mordomo respondeu:

— Cavalheiro, essa recommendação é muita attendida, e podeis passar. O conde foi conduzido ao gabinete branco, onde ficou tranquillamente contemplando as bellezas d'aquella mansão encantadora, em quanto Mathilde era avisada do que occorria.

Assim permaneceu algum tempo, até que, abrindo-se uma d'aquellas portinhãs mysteriosas que tão bem dissimuladas estavam entre as paredes, appareceu Mathilde, cuberta singellamente com uma bata de velludo azul.

O conde de Malvar olhou com summa curiosidade á pallida e formosa joven que tinha adiante. Desde logo conheceu que seu coração estava muito pela dôr, como seu rosto machucado pela insomnia e as lagrimas: bastou-lhe um olhar para comprehendder sua alma, seu caracter, suas tendencias.

Este olhar, que aprofundava como o escall pello de um anatomico para encontrar as visceras daquella complexão, radiante, fez seu estudo com a rapidez da luz ou da electricidade.

Genaro não o havia enganado. Mathilde era um joguete de um espirito funesto: não era possivel que a limpidez daquelle olhar estivesse manchado ainda mesmo, com a idéa do remordimento.

Sua formosura era uma formosura que não necessitava da arte para deslumbrar, assim como seu coração não necessitava de artificio para ser generoso e magnanimos.

Mathilde saudou ao desconhecido com uma mescla de assombro e de respeito.

Joven, exclamou o ancão correspondendo-lhe ao cumprimento, acaso me tenhas por atrevido, quando sem direito vim á importunar-vos. Sem embargo, me interessaveis demasiado, e cada vez alegre-me mais de estar em esta casa... onde ha uma joven tal como vós.

— Cavalheiro!... respondeu ella baixando a cabeça.

— Nada de estranho tem vos choque minha linguagem: porém já comprehendereis que os velhos temos certos privilegios que nos autorizam a dizer certas cousas. Me permitteis em vista de minha franquesa, que fallemos sequer meia hora de assumptos que pôdem interessar-nos?

Mathilde sorrio-se ligeiramente á respondeu:

— Cavalheiro, não posso negar-me á vossa exigencia, tanto mais quanto sabeis pedir com fórmulas mui agradaveis.

— Em esse caso, vos agradecerei primeiro; depos vos rogarei que tomeis assento para ouvir-me.

A joven tornou a sorrir-se e sentou-se no sofa. O benedictino fez o mesmo.

Joven, proseguio olhando-a com affecto, antes de principiar, considero como uma homenagem de respeito dizer-vos quem sou.

— D'este modo, contestou Mathilde, satisfareis minha justa curiosidade.

— Me chamo, pois, Roberto Mauricio de Malvar, duque de Penafiel e de Almanzano, conde de Sots Jove e de Malvar, marquez de Tiobre e de Belmonte, e barão de Tebar e de Beloy.